

# Verbo "Transitivo Adverbial" - Uma Mera Questão de Rótulo?

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

Este artigo surgiu de minha preparação de aulas para cursos de Sintaxe em Língua Portuguesa, da FALE/UFMG, e da necessidade que sinto de discutir, com os alunos, fatos como os que serão aqui apresentados. Durante as discussões, nem sempre se chega a conclusões definitivas a respeito dos dados analisados; essa, no entanto, não tem sido minha preocupação, uma vez que concordo plenamente com o Prof. Perini, quando afirma, a respeito do ensino da gramática:

"É fato que a estrutura da língua portuguesa não é cabalmente conhecida, mas isso não deve ser empecilho a que nos dediquemos ao seu estudo — longe disso, deve ser antes um estímulo à investigação. Mas, evidentemente, é preciso mudar nossa atitude diante da matéria: já não se trata de um corpo de conhecimentos preexistentes a ser assimilado de maneira passiva, mas uma teoria incompleta e insuficiente em muitos pontos (embora não desinteressante), que deverá ser criticada e desenvolvida, com base nos fatos da língua. Só essa mudança de atitude já será bastante para dar novo atrativo à disciplina; isso porque, apesar do que se diz, tanto o professor quanto o aluno têm, em geral, uma grande curiosidade e um desejo genuíno de aprender. Por outro lado, ao contribuir para o desenvolvimento do raciocínio independente e do espírito crí-

tico, o estudo ativo da gramática terá utilidade precisamente em um ponto em que o nosso sistema educacional é lamentavelmente falho. (PERINI, 1978: 4)

Neste estudo, é meu objetivo verificar se há evidências, em português, a favor da classificação dos verbos *transitivos adverbiais*, ou se essa é apenas uma questão de terminologia, não implicando diferenças distribucionais. Vejamos, pois, a seguir, até que ponto a análise aqui desenvolvida poderá (ou não) ajudar-nos a entender melhor a questão proposta.

As nossas gramáticas tradicionais costumam distinguir duas classes de verbos, segundo a sua “propriedade significativa:” os verbos *intransitivos*, de predicação completa, e os *transitivos*, de predicação incompleta. Nos exemplos abaixo:

- (1) *Dormi* nesta rede.
- (2) *Encontrei* minha carteira.
- (3) Não *aludi* a esse fato.
- (4) *Enviei-lhe* a correspondência.

O verbo de (1) ilustra a primeira dessas classes, uma vez que prescinde de “palavras ou expressões” que lhe integrem o sentido, isto é, *complementos*. Já os verbos de (2) - (4), por não dispensarem a presença desses elementos, são classificados como transitivos.

Sabe-se que, de acordo com a NGB, esse último grupo se distribui em:

- (5) a — *Transitivo direto* — definido como o verbo cujo sentido é completado por um “objeto”, nome dado ao complemento não introduzido por preposição obrigatória, isto é, regime do verbo. (2) ilustra esse caso.
- b — *Transitivo indireto* — verbo cujo complemento, “objeto indireto”, é introduzido por uma preposição obrigatória, como, por exemplo, em (3).
- c — *Transitivo direto e indireto* — verbo que necessita dos dois tipos de “objetos” para lhe integrar a significação. “Enviar”, em (4), exemplifica essa classe.

Atendo-nos, todavia, apenas à divisão acima apresentada, em que grupo seriam arrolados os verbos de (6) ?

- (6) a — Vou *para o Rio* hoje à tarde.
- b — Chegou *à escola* cedo.
- c — Venho *de casa*.
- d — Moro *nesta rua*.

Observa-se, em nossas gramáticas escolares, muita incoerência no que concerne à classificação desses elementos. Veja-se, a propósito, o que afirma KURY (1970: 44):

“( . . . ) há verbos cuja idéia, em princípio, só se completa com a adjunção de um objeto direto (fazer, vender) de um objeto indireto (pertencer a, servir-se de, pensar em, concordar com), ou de um *adjunto adverbial de lugar* (ir a, vir de, ficar em): são verbos de significação relativa, de predicação incompleta.” (Grifo meu).

De acordo com essa passagem, Gama Kury reconhece que verbos como os de (6) têm “predicação incompleta”; precisam, pois, de “complementos” que lhes integrem o sentido. Ora, nesse caso, deveriam ser arrolados na classe dos *transitivos* e não na dos *intransitivos*, como o faz esse mesmo autor, ao apresentar a subdivisão dos verbos intransitivos, citando dentre eles: “verbos de movimento ou situação: *chegar, ir, seguir, vir; morar, estar, ficar, etc.*” (KURY, op. cit. p. 24). Acrescente-se, a isso, o fato de se afirmar que o constituinte que integraliza a significação desses verbos é um *adjunto adverbial de lugar*. Como se sabe, em nossa terminologia gramatical, dá-se o nome de *adjunto adverbial* ao sintagma adverbial que exerce a função de “modificador” ou de “intensificador” do verbo (e também do adjetivo ou de outro advérbio), mas não a de “complemento”.

BECHARA (1976), notando que verbos como os de (6) têm a “predicação incompleta”, e que seus complementos são de natureza adverbial, propõe, timidamente, em uma nota de pé de página, que se reconheça a sub classe dos *verbos transitivos adverbiais*:

“Diante de expressões do tipo:

*Irei à cidade,*  
*Voltei do trabalho,*

tínhamos a rigor de falar em verbos *transitivos adverbiais*, isto é, os que pedem como complemento uma expressão adverbial. Contra o conceito de *complemento*, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* arrola tais casos entre os *adjuntos adverbiais*. A incongruência se torna mais patente quando classificamos em: *Ida à cidade, Volta ao trabalho, à cidade e ao trabalho* como *complementos nominais*.” (BECHARA, op. cit. p. 44 - nota)

Desse modo, vê-se que a “transitividade” de itens como *morar, ir, chegar*, etc. não passa despercebida aos nossos gramáticos, mas que há divergências quanto à sua classificação. E essas se tornam ainda mais evidentes, ao se considerar a posição de LUFT (1976: 35), que arrola os verbos aqui discutidos entre os *transitivos indiretos*.

Embora esse autor não tenha justificado sua análise, a princípio pode-se argumentar, em favor dela, que se está baseando em um *critério formal* para o reconhecimento dessa classe de verbos, ou seja: está-se levando em conta que os elementos a ela pertencentes exigem como complemento um SPrep (sintagma preposicionado). Assim, todos os itens grifados em (7), abaixo, de acordo com essa posição, pertenceriam a um mesmo grupo:

- (7) a — *Desagradei* a todos os presentes.  
b — *Resisti* às suas súplicas.  
c — *Desconfio* de sua sinceridade.  
d — *Saí* de casa.  
e — *Voltei* do trabalho cedo.  
f — *Cheguei* à fazenda muito tarde.

Penso, no entanto, que a aparente “economia” revelada por essa descrição, que coloca todos os elementos sublinhados em (7) numa mesma classe, cai por terra se levarmos em conta os seguintes dados:<sup>1</sup>

- (8) a — João procedeu *bem* durante a festa.  
b — O professor agiu *mal* com essa criança.

Os advérbios de modo, em (8), não podem ser considerados meros *adjuntos adverbiais*, dada a agramaticalidade de:

- (9) a — \* João procedeu durante a festa.  
b — \* O professor agiu com essa criança.

em que estes constituintes não aparecem. Deve-se, pois, admitir que itens como *agir* e *proceder* exigem *complementos adverbiais de modo*. Ora, a classificação sugerida por Luft não dá conta desses casos: em (8), os *complementos adverbiais* não são Sprep's. Não se pode, portanto, com base nesse argumento, colocar os verbos dessas orações entre os *transitivos indiretos*, como se fez com relação a (6) e (7) d-f.

Em mais uma tentativa de se defender a análise proposta pelo referido autor, poder-se-ia levantar a hipótese de que *bem* e *mal*, em (8), formam com os respectivos verbos “uma só expressão, um todo inseparável”,<sup>2</sup> não constituindo, propriamente, uma construção do tipo “verbo + complemento”. E, a favor dessa hipótese, objetar-se-ia que os advérbios não podem deslocar-se da posição em que aí se encontram, como nos atestam as construções mal formadas:

---

1. A seguir, pretendo mostrar que a descrição de Luft é insatisfatória, mesmo ao levarmos em conta apenas o *critério formal*, no qual se baseou. Contudo acredito, ainda, que um estudo de classificação de verbos, quanto à sua predicação, não pode deixar de considerar também diferenças semânticas. Atente-se para o fato de que os complementos verbais (7) a-c são muito diferentes, semanticamente, dos de (7) d-f, constituintes de natureza adverbial.

2. As observações que se seguem, com referência à distribuição dos advérbios *bem* e *mal*, são baseadas em fatos analisados no 3º capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada *Movimento de Advérbios de Modo em Português*, orientado pela Profª Anilce Maria Simões e apresentada na FALB/UFMG, em janeiro de 1979.

- (10) a — \* João procedeu durante a festa *bem*.  
b — \* O professor agiu com essa criança *mal*.

Por conseguinte, não serviram de evidência contra a descrição de Luft.

Todavia as considerações acima não se sustentam, tendo em vista as seguintes estruturas:

- (11) a — João procedeu *corretamente* durante a festa.  
b — João procedeu durante a festa *corretamente*.  
c — O professor agiu *corretamente* com essa criança.  
d — O professor agiu com essa criança *corretamente*.

Em (11), outro tipo de advérbio de modo simples (que não é um SPrep) exerce a função de complemento dos verbos. E, nesse caso, pode ocorrer em mais de uma posição.

Conclui-se, portanto, que os fatos de (10) devem ser explicados como um problema referente à distribuição dos advérbios *bem* e *mal*, e que não interferem na classificação de verbos como *proceder* e *agir*, quanto à sua predicção.

Assim, as ponderações a respeito da inadequação da análise de Luft (1976) se mantêm. Como se viu, de qualquer forma há a necessidade de se reconhecer, dentre os *verbos transitivos*, a subclasse dos *transitivos adverbiais*, para que se possa dar conta dos dados apresentados em (8), (9) e (11).

Parece-me, pois, que a classificação sugerida (embora não adotada) por Bechara (op. cit. p. 4) é a mais adequada.

Distinguindo-se o grupo dos *transitivos adverbiais*, aí seriam arrolados não apenas verbos como os de (8) e (11), que exigem *complemento adverbial de modo* (e que não poderiam ser classificados como *transitivos indiretos*), mas também verbos como os de (6) e (7) d-f. Com essa análise, evidencia-se que os *complementos* exigidos por itens como *morar*, *residir*, *ir*, *voltar*, *chegar*, etc. são de natureza adverbial, diferentes, pois, dos chamados "objetos indiretos". Além disso, ao contrário do que se vê em Kury (op. cit.) e outros gramáticos escolares, evita-se a incoerência de se classificar esses verbos como *intransitivos* (de "predicção completa").

Finalmente, deve-se salientar que há mais alguns dados em favor da descrição que estamos propondo. Bittencourt (1980), estudando as condições sintáticas da posposição do sujeito em português, verifica que esse elemento se comporta de maneira diferente, conforme a natureza dos verbos que ocorrem no predicado. Desse modo, considera bem formadas as construções de (12) - (14) abaixo,<sup>3</sup> em que os sujeitos se pospõem a verbos do tipo que estamos classificando como *intransitivos adverbiais*:

- (12) "Saíram *todos* da Igreja."
- (13) "Voltaram *poucos operários* ao trabalho."
- (14) "Foram *alguns amigos meus* ao cinema hoje."

Por outro lado, julga agramaticais as estruturas de (15)-(16), em que os sujeitos vêm depois de verbos *transitivos indiretos*:

- (15) a — "\* Gostaram *as crianças* do passeio."
- b — "\* Gostaram do passeio *as crianças*."
  
- (16) a — "\* Cuidou *o jardineiro de minha sogra* de minhas plantas."
- b — "\* Cuidou de minhas plantas *o jardineiro de minha sogra*."

Ora, essa diferença de comportamento sintático do sujeito nos exemplos de (12)-(14), por um lado, e (15)-(16), por outro, parece comprovar que realmente os verbos desses dois grupos de orações pertencem a subclasses distintas de *verbos transitivos*.

Concluindo, penso que nossas gramáticas escolares deveriam empregar, sem medo, o termo "transitivo adverbial" para se referir a verbos como os de (6) e (7) d-f, estudados nesse artigo. E, conseqüentemente, deveriam chamar de "comportamento adverbial"

---

3. Essa numeração é minha. No original, as estruturas de (12), (13) e (14) são numeradas, respectivamente: (10), (11) e (12). Já as de (15) a-b e (16) a-b aparecem sob os números de (17) a-b e (18) a-b. (Cf. BITTENCOURT, op. cit., p. 74).

o SADV que lhes integra o sentido. Essa não é uma mera questão de "rótulo". Parece haver evidência sintática (e semântica) em favor do reconhecimento dos *verbos transitivos adverbiais* como uma classe distinta da dos verbos *intransitivos* ou *transitivos indiretos*.

Portanto, a classificação dos verbos segundo a sua predicção, apresentada pela NGB e seguida pela maioria de nossas gramáticas, deveria ser reformulada, tendo em vista os dados aqui analisados e as conclusões a que se chegou.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 10.ed. Grifo, Rio de Janeiro, 1976.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. «Considerações sobre as condições sintáticas da posposição do sujeito em português». In: *Ensaio de Lingüística*. nº 3. Caderno de Lingüística e Teoria da Literatura. UFMG, Belo Horizonte, 1980.
- KURY, Adriano da Gama. *Lições de Análise Sintática*. 5ª ed. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1970.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Globo, Porto Alegre, 1976.
- PERINI, Mário Alberto. «Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2º Grau.» - Vol. IV - *Variação Lingüística e Ensino da Língua Materna*. Secretaria de Estado da Educação — Coordenadoria de Estudo e Normas Pedagógicas — São Paulo, 1978.
- SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. *Movimento de Advérbios de Modo em Português*. Dissertação de Mestrado. FALÉ/UFMG, Belo Horizonte, 1978.